PERFIL CULTURAL DE D. PEDRO I

Raimundo de Menezes

Muito se tem divulgado sobre "a pretendida e formal ignorância" do príncipe D. Pedro I. A propósito da sua falta de preparo intelectual já se escreveu muita coisa. Bem ou mal educado, antes mal do que bem, observou Octavio Tarquinio de Sousa, o príncipe cresceu e os que dele se aproximavam lhe notavam a inteligência pronta, a extrema vivacidade, a precoce desenvoltura.

Entre os primeiros mestres figurou frei Antonio de Nossa Senhora de Salete, de quem recebeu noções de latim. Criança ainda se tornou familiar de Virgilio. Era visto a ler a Eneida, a bordo, na viagem imperial decifrando-a sofrivelmente. Mais tarde leria outros classicos nessa lingua. Era também um apaixonado da matemática, afirmam os seus panegiristas. Em francês discorria correntemente. Conversou nesse idioma com Mansfeldt e Maria Graham. Chegou a ler e traduzir trechos de um volume de Edmundo Buke. Pretendia publicá-los nas colunas do **Espelho**, conforme nos informa João Batista Maler, que o viu com o livro nas mãos. O conde Eduardo Pontois teve ensejo de ouvi-lo conversar em francês, que era a lingua que usava com D. Amélia, falando fluentemente, com sotaque impecável. Aprendeu o inglês com o reverendo Guilherme Paulo Tilbury, capelão da Divisão Militar da Guarda Imperial da Polícia. Traduziu diversos autores ingleses e escoceses, que citou à viúva Graham. Aprendeu tinturas de alemão com a primeira Imperatriz. Conta-se que se correspondia com Benjamin Costant, dando suas opiniões sobre o livro do napolitano Filangiero: **La Scienza Della Legislazione**. Ademais, D. Pedro conhecia ciências naturais, que estudara quando rapaz, "como a furto, recatando os livros da corte e instruções que amigos lhe davam", na informação do arcebispo D. Marços, quando lhe fez o elogio fúnebre. O coronel João A. Rademaker, apontado como sábio e poliglota, e que foi ministro de Portugal na Dinamarca e em Buenos Aires, instruiu-o, durante pouco tempo, em outras matérias. Todos estes dados nos são fornecidos

pelo sempre bem informado Alberto Rangel. Acrescenta Monglave que o príncipe costumava dedicar, diariamente, duas horas aos estudos, enfronhando-se nos conhecimentos da lógica, da história e da geografia.

O gosto pelas armas se manifestou desde cedo. Gostava de assistir a paradas e manobras. Ora sozinho, ora na companhia de D. Leopoldina. Amava vestir-se de "roupa de pano azul, bordada nas costuras, nos ombros as dragonas e na cabeça o schako agaloado", nessas ocasiões. Preocupavam-no os vistosos uniformes . Deliciava-se em deixar-se guardar por piquetes brilhantes e escolhidos. Mais tarde, em Portugal, viria a ser o Rei-Soldado

Segundo Cristiano Benedito Ottoni, as cartas que escrevia a D. João VI estavam cheias de erros de português. Na verdade, é bem curiosa a maneira de grafar certas palavras e de construir determinados períodos. Cumpre afirmar que a redação dos discursos da Coroa eram da sua lavra. A proclamação de 12 de novembro de 1823, tudo leva crer, é da sua pena. A precipitação do emprego de um qualificativo — garante Alberto Rangel — exigiu restrições e novo manifesto explicativo. Chegou a redigir artigos para o **Espelho** e para o **Diário Fluminense**. João Loureiro, num trecho de carta, afirma-o: "Os únicos artigos que vieram no **Diário Fluminense** eram da pena do Imperador, que escreve com muita vanglória e a miúdo e guarda um anônimo de que se gaba". Maler, referindo-se ao artigo de refutação, escrito por D. Pedro, diz que o assinara simplesmente **Ultra Brasileiro.**

O príncipe, nas horas vagas, habituara-se a compor versos. Bons ou maus, eram todavia espontâneos, declamatórios, chorões e fesceninos", Piores do que os de Luís XIV. Eram coisas assim: "certa descrição humorística da serra dos Corrêas, sonetos às esposas, glosas patrióticas, redondilhas de namorado, quadras bocagianas, ou a letra do hino nacional brasileiro, ou a do constitucional português, e a letra e a música do hino da Independência", por sinal o mais importante de todos.

Spix e Martius falam-nos de uma banda musical e de um coro de mulatos e negros, supervisionados por D. Pedro, que pessoalmente regia os instrumentistas, o que foi presenciado por Jacques Arago, ao entrar inesperadamente na Capela Imperial, impressionando-se com a austeridade da música e a maestria do compositor, que lhe marcava os compassos. O **Te-Deum**, entoado por ocasião das suas segundas núpcias, é composição sua. Andou também escrevendo uma ópera em português, sendo a protofonia executada no Teatro Italiano de Paris, em novembro de 1832, e ainda uma sinfonia para grande orquestra.

Dotado de excelente voz, por mais de uma vez a exibiu em reuniões familiares, com grande agrado de todos. Na festa comemorativa dos esponsais com D. Leopoldina, cantou com as irmãs uma ária. Tocava qualquer instrumento com habilidade, principalmente o fagote, o violino e a flauta.

Tinha, apesar de tudo, acentuados pendores artisticos, que não se aprimoraram devido tão somente ao seu desleixo. As aptidões eram as melhores possiveis, e que deixaram de ser cultivadas exclusivamente por falta de uma disciplinada orientação.

Possuia sua queda pelo desenho e pela pintura. Conta-nos Alberto Rangel que, na casa que pertenceu a Marquesa de Santos, em São Cristovão, existe pintada na parede de um aposento pequena mosca, atribuida geralmente a D. Pedro, e "a qual significaria o atestado de sua presença e desenfado consecutivo por não encontrar a locatária, momentaneamente ausente..." Na própria Quinta Imperial, podia ver-se a figurar de uma coruja debuxada no estuque por D. Pedro. O gosto pela gravura cresceu mais com a instalação da prensa litográfica ali mesmo na Quinta, quando se divulgavam caricaturas, da pena de Fco. Pedro do Amaral, e que deram tanto o que falar, pela colaboração maliciosa do principe que, segundo informações da época, chegou a frequentar as aulas de desenho da Escola de Belas Artes. Cultivou também a escultura. O próprio busto que se colocou na fragata Pedro I é de sua lavra. Fabricou a coroa para o esquife da esposa. Afirma-se que entalhou o mausoleu de jacarandá onde a morta reposou na Ajuda. Eximio artesão, especializou-se como mecânico, marceneiro e torneiro. Monglave fala-nos no bilhar e no modelo de navio de linha que fabricou. No palácio de São Cristovão tinha a sua oficina de carpintaria, que chegou a ser visto pelo pastor protestante Roberto Walsh, que apreciou a exposição dos seus artefatos.

Sempre, desde meninote, D. Pedro amou as cavalariças. Cativavam-lhe as atenções "os corcovos, redobres, chaças, agachados, piafés e corvetas dos animais no picadeiro", Em S. João d'El Rey, surpreendeu os populares quando o viram "descalso e enfiado em pantalonas de chita, a experimentar com o tino de tropeiro avisado os animais que lhe haviam sido oferecidos". Seidler viu-o nas baias de São Cristovão, praguejando, por não encontrar nenhum cocheiro, ou estribeiro, para ensilhar-lhe o cavalo inglês, e ele próprio fazê-lo sozinho, com a agilidade de um cavalariço. Monglave gabava-lhe a equitação: "Ecuyer consome, li guide ordinariament de son char auatre chevaux, et on l'a vu du fond de sa voiture, comme à pied, em diriger six en plein galop". Quando o conde de Sabugal visitou São Cristovão, em 1828, o primeiro cuidado do príncipe foi mostrar-lhe as cavalariças do palácio. D. Leopoldina não se

pejava de descer com o príncipe até às estribarias, misturar-se aos lacaios, e cavalgar o seu palafrem. O viajante holandês Jacob van Boelen viu-o ensaiar uma parelha de burros, e afirma: "Não raramente empreendia Sua Majestade um passeio de carro, tirado a dois e quatro cavalos, guiando-os ele mesmo como cocheiro; e ante essa alta recreação só havia de fazer duas coisas sair do caminho e ficar com a cabeça descoberta. Ora, aconteceu numa ocasião que o ilustre personagem apareceu sem que eu apercebesse na esquina da rua do Ouvidor e quase que o chicote me caiu em cima, se não fosse o meu amigo, o sr. Hendriks, haver-me resguardado, tirando-me em tempo o chapéu. Os principais talentos de Sua Majestade eram os de picador e cocheiro..." Guiava com maestria carros, ou como se dizia na ocasião, "boliava tanto de sége, como de carruage, ou de carrinho".

Era assim D. Pedro, sob o ponto de vista cultural, nas amostras que conseguimos coligir, neste rapido estudo. Ele próprio, num instante de auto-crítica, confessou, em 1827, ao visconde de Barbacena, mostrando o filho, futuro D. Pedro II, e dizendo com certa amargura: "Eu e o mano Miguel haveremos de ser os últimos malcriados da família". Viveu em meio familiar pouco adequado a uma criança. Esteve mais em contato com alas e serviçais do que com os seus iguais em sangue. Com exceção dos irmãos, com eles brincaria e viveria os melhores momentos. Não o amamentou a mãe, porém se criou ao peito de Madalena Josefa de São Pedro de Alcântara, de Caparica. Assim desde pequenino, entregue ao livre viver, sem maiores cuidados, cresceu ao Deus dará. Há, portanto, um D. Pedro I, popular, que todos conhecem, na figura de um rapaz estroina e femeeiro, de um príncipe capaz de lances dramáticos porém ignoro, muito mais atento aos seus amores, que começaram muito cedo, do que aos negócios públicos.

O temperamento ardente de D. Pedro se revelou desde os primeiros tempos. Sua figura provocante despertava interesse entre as mulheres em geral. Não faltaram raparigas, em São Cristovão ou na cidade, que lhe retribuissem os olhares cubiçosos, todas dispostas a entender o que delas estava querendo. Era ele um rapaz extremamente simpático, "de olhos negros e brilhantes, cabelos fartos e encaracolados, belo porte, fisionomia alegre, disposto ao sorriso, cuja presença inclinava à confiança e ao abandono".

Naqueles bons tempos, a partir do estabelecimento das relações comerciais com outros países, principiaram a aportar ao Rio de Janeiro europeus de várias procedências, notadamente franceses. E francesas. Vinham acompanhando seus maridos. Começou a modificar-se o aspecto social da metrópole. Os costumes tornaram-se outros. A moda copiou Paris e seus hábitos. O teatro, prin-

cipalmente, apresentou outras novidades. Surgiram as **cocotes** importadas da França.

Foi nessa ocasião que surgiu a D. Pedro o primeiro caso amoroso, entre os muitos que se sucederiam, no correr dos anos. Era uma dançarina gaulesa. Alberto Rangel, que se especializou no estudo da vida amorosa do fundador da monarquia brasileira, garante que eram "duas irmãs, francesas e dançarinas", e por uma delas se enamorou seriamente, do que sobreveiu um filho. Isso aconteceu exatamente quando já estavam acertadas as negociações junto à Corte de Viena para o casamento de D. Pedro com uma filha do imperador da Áustria. Maria Graham narra-nos o curioso episódio romântico acontecido com Noemi Thierry, que estaria morando ao tempo da ligação com o príncipe numa casa aos fundos do palácio de São Cristovão: "A beleza de uma graciosa dançarina de teatro, filha de uma artista francesa, impressionou o jovem príncipe desde a primenra vez que a viu. Procurou logo uma apresentação. Em breve ficou apaixonado por ela e o seu amor foi correspondido. Os que o cercavam, bem como as pessoas da Corte viam nisso uma aventura que poderia acostumá-lo a certas relações, e a afastá-lo de certa sociedade de que eram ciumentos, e assim não somente animaram como incrementaram sua paixão. Foram ao ponto de dar uma valiosa quantia à mãe da dançarina para que ele pudesse gozar do privilégio de visitá-la. Mas a honra e os escrúpulos que esta tinha não puderam ser vencidos; D. Pedro, incapaz de dominar sua paixão, desposou-a secretamente. Ela era extremamente educada e empreendeu a educação de seu real apaixonado". A escritora inglesa prossegue: "Nada poderia igualar o desespero do jovem príncipe, quando veio a saber que a arquiduquesa estava embarcada, em caminho para o Rio. Recusou desfazer-se de sua mulher, como teimava em chamá-la. Recusava despedi-la, apesar das ordens, das ameaças de ser deserdado, feitas pelo seu tolo pai, sua imperiosa mãe, por toda a Corte e ministério. A Rainha ainda condescendeu em confiar na dançarina, achando que as ameaças não davam resultado sobre ela e só exasperavam o príncipe. Tentou suborná-la com riquezas superiores a seus desejos e com as mais preciosas jóias, impondo a única condição de ir gozar delas na Europa. Prontificou-se além disso a obter-lhe casamento com um homem de condição elevada, cujo caráter e conduta seriam uma segurança para sua futura felicidade. Mas tudo isso foi recusado, pois a dançarina era moça e estava muito apaixonada". A narrativa de Maria Graham continua adiante: "Afinal estava tão próxima a chegada da arquiduquesa que a Rainha se viu obrigada a fazer mais um esforço e desta vez foi bem sucedida, tendo falado à moça da vantagem e felicidade do próprio prín-

cipe, acenando com a possibilidade de ser ele deserdado se ela continuasse a teimar. Consentiu, pois ela em abandoná-lo, com a condição de lhe ser permitida a ida para alguma região do Brasil, não estando longe o seu parto, antes de atender a quaisquer outras propostas". A bordo de um navio foi mandada para o Recife, para que dela cuidassem Luís do Rego Barreto e sua mulher. Ali "teve talvez prematuramente uma criança sem vida. Estando rompido qualquer laço com D. Pedro, consentiu ela em casar com um oficial francês, que a levou para Paris". Alberto Rangel adianta-nos que Noemi casara-se sob os auspícios de D. João VI com um oficial que fora exercer certo ofício público de 800$000 Regalara-a D. Pedro com 12 contos de réis tomados de empréstimo e o rei dotara-a com 11 contos de réis, 5 dos quais destinados ao enxoval da creança, a quem D. Leopoldina ofertara 1 conto de réis, sem falar numa jóia para a mãe francesa". Luís do Rego Barreto fez pomposos funerais ao filho de Noemi, "ao qual D. Pedro capricharia em conservar mumificado em seu próprio gabinete, até que o governo da Regência de 1831 o mandara sepultar".

D. Pedro deve ter sofrido fundo com o desenlace do seu romance com Noemi. Sua conduta em relação a todos os filhos, legítimos ou não, foi sempre do mais ardente afeto de pai protetor.